



INTERVALO ANALÍTICO

Editorial

A Sociedade está de luto. Perdemos três pessoas queridas, mulheres valorosas, psicanalistas respeitadas e admiradas. Sobressalto, inquietação, tristeza, desalento... O que dizer ao ver partir alguém cuja existência faz toda a diferença para nós e para o mundo que a circunda? Não há palavras... não há palavra que dê conta do vazio, da saudade... Maria de Lourdes O'Donnell, Lucia Spitz, Janete Bandarovsky.

Maria de Lourdes foi mãe, avó, mestre, psicanalista, supervisora e transmitiu aos nossos mestres o que aprendeu sobre D. Winnicott e sobre o desenvolvimento emocional da relação mãe-bebê. Deixou-nos, além desse legado, a sua rica biblioteca. Lúcia era discreta, pouco falante em espaços públicos, mas ativa e dedicada à vida da Sociedade. Contribuiu, em gestões diferentes, como Conselheira e Secretária do Conselho Profissional, atividades que confirmam seu caráter reservado e sensato. Ocupou outros cargos em prol do desenvolvimento de nossa casa e da psicanálise. Janete foi minha contemporânea, ingressou na Sociedade em 1993, no auge de uma crise institucional, mas já chegou lutando e, rápido, já era uma de nós. *Baixinha valente*, consistente, inteligente, percorreu sua Formação Psicanalítica com destaque e ao passar da posição de aluna à de membro associado, logo pôs seus conhecimentos psicanalíticos e sensibilidade a serviço do Instituto. Coordenou um GAAC e participou do Curso Desenvolvimento Emocional da Criança e do Adolescente.

Além de psicanalistas atuantes, eram mães, fonte, origem, mulheres. Colegas queridas que deixam uma marca viva em nós. Nosso carinho aos seus familiares.

E eis que a vida dá sinais, manifesta-se e traz bons acontecimentos também! Ingressaram no Instituto, cheias de esperança e alegria, duas jovens alunas, que iniciam a jornada da Formação Psicanalítica conosco. Vocês podem conhecer um *pouquinho* das colegas recém-chegadas através de entrevistas na pág. 02. Sejam bem-vindas, Gisela Gorrese e Maysa Balduino [veja ainda, na primeira página, os comentários sobre a Aula Inaugural e sobre a Sessão Clínica].

Outro motivo de alegria e orgulho foi o doutoramento da colega Maria Cristina Reis Amendoeira. Leia mais na pág. 05.

Wania Maria C F Cidade

VEJA AINDA:

Notícias Diversas



Maysa Balduino e Gisela Gorrese

Inaugurando 2008

Uma noite e uma manhã de muita Psicanálise! Essa foi a impressão que ficou da aula inaugural e da supervisão, ministradas pelo Dr. Norberto Marucco, no primeiro fim de semana do ano letivo da nossa SBPRJ. Auditório cheio. 2008 começando. Alunas novas e uma aula do melhor que há em Freud: instigante, concisa e, principalmente, alinhavada pela vívida prática clínica de um analista que fala com paixão e, ao mesmo tempo, com clareza de seu ofício. Paixão e clareza...!? Seria isso possível? Acredito que aqueles que participaram dos dois encontros com o Dr. Marucco podem imaginar o que tento dizer. Para aqueles que não puderam, um convite: não percam a próxima vez!!!

A noite começou com nosso presidente, Dr. Altamirando, apresentando o Dr. Marucco que desenvolve seu trabalho há pelo menos trinta anos, estudando e criando conceitos para dar maior compreensão a sua experiência clínica. Altamirando marcou a emoção de receber um analista da Argentina para dar boas vindas às novas alunas, já que quatro fundadores de nossa instituição – Alcion Bahia, Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira – fizeram sua formação por essas terras vizinhas. Em seguida, a diretora do Instituto, Dra. Sônia Eva, apresentou as candidatas Gisela Gorrese e Maysa Balduino, que tiveram a oportunidade de participar, de primeira, de uma das melhores características de nossa casa: o compromisso clínico, o estudo aprofundado, o interesse e a curiosidade de caminhar cada vez mais no desenvolvimento da Psicanálise, sem perder sua origem e base essencial.

Em uma aula emocionante, Norberto Marucco enfatizou as diferenças culturais que exigem do psicanalista latino-americano a necessidade de pensar em como se constitui um enquadre para que o trabalho possa ser realizado. Somando as condições culturais abaixo da linha do Equador aos desafios da prática psicanalítica do século XXI, tivemos o prazer de ver o percurso freudiano e suas mudanças conceituais ge-

radas pela observação clínica. Da histeria do final do século XIX e começo do século XX aos quadros narcísicos atuais, chegamos ao conceito de *zonas psíquicas* do próprio Marucco, que se vale do espírito investigativo freudiano para seu trabalho. Vale a pena ler seu texto e refletir sobre suas colocações.

O debate foi acalorado, com contribuições entusiasmadas de alguns de nossos analistas mais estudiosos, o que demonstrou o estímulo dado pela valorosa exposição.

No dia seguinte, pudemos receber da colega Eliane Cotrim um material clínico riquíssimo, em que nosso convidado teve a grandeza de contribuir, sempre com muito respeito, e, mais uma vez, nos dando uma verdadeira aula. Com a condução sensível, o Dr. Marucco permitiu que Eliane expusesse seu trabalho de forma verdadeira e compreensiva. Foi um grande estímulo para mim e acredito que para muitos outros. Que venha 2008! Que venham Gisela e Maysa! Que venham todos aqueles que já fazem parte de nossa instituição e que possamos, embalados por estudo tão vivo, atravessar os desafios de nossa prática clínica, com a responsabilidade de perpetuar o melhor que há na tradição psicanalítica e da própria SBPRJ.

Até a próxima.

Samantha Nigri

Supervisão Clínica com Dr. Norberto Marucco

Em seqüência à excelente Aula Inaugural proferida pelo Dr. Marucco na sexta-feira, 07 de março, quando fomos brindados com a transmissão de seu vasto conhecimento da teoria psicanalítica, através de toda uma linha de pesquisa clínica e formulação de conceitos baseados em sua leitura de Freud e voltados para o aperfeiçoamento da abordagem técnica aos pacientes da clínica contemporânea, realizamos no sábado, pela manhã, uma Sessão Clínica sob a supervisão do Dr. Marucco.

Com o auditório lotado, contamos com a contribuição da Dra. Eliane Cotrim, que trouxe um material clínico rico e estimulante para a discussão e troca de idéias que se estabeleceu entre o Dr. Marucco e a platéia. Com uma participação viva dos colegas presentes, convidados a se manifestar pelo próprio Dr. Marucco, o clima reinante era de descontração e entrosamento entre as diversas abordagens clínicas ao material. Dr. Marucco trouxe mais uma vez a sua longa experiência clínica para compreender o material apresentando, mostrando sensibilidade e delicadeza no trato tanto do material quanto da analista que expunha a sua condução do caso.

Ruth Lerner Froimtkuk

Perfil das novas candidatas

A edição deste Jornal juntamente com Adriana Lasalvia, Eloá Bittencourt e Samantha Nigri elaborou perguntas que nos dessem um PERFIL das novas alunas do Instituto da SBPRJ, Gisela Gorrese e Maysa Balduino.

1- Por que escolheu a SBPRJ para fazer sua Formação Psicanalítica?

G - Escolhi a SBPRJ por ter grandes parcerias com membros desta Sociedade, parcerias profissionais e pessoais. Uma grande amiga-irmã, meu querido analista e tantos outros analistas, membros e alunos, dos quais tenho acompanhado a forma de trabalhar, às vezes de longe e outras de perto, mas sempre aprendendo e trocando experiências. E como acredito que estamos sempre em processo de formação é bom construir um trabalho ao lado e em conjunto com estes profissionais.

M - A escolha que fiz está relacionada com a forma que a SBPRJ se apresentou para mim através do trabalho do Dr. Aloysio Augusto d'Abreu, meu analista, e do Curso de Desenvolvimento Emocional da Criança, coordenado pela Dra. Geny Talberg. Em 2007, esse curso me abriu as portas para freqüentar a instituição e conhecer uma turma de professores dedicada e experiente. A partir daí e de outras atividades que pude participar surgiu dentro de mim um grande carinho pela Sociedade e a certeza de que posso realizar uma bela Formação em Psicanálise.

2- Que adjetivo a caracteriza melhor?

G - Procuero ser justa.

M - Acredito que o adjetivo que melhor me define é ser privilegiada, pois tenho uma família querida, que me apóia e acredita em mim. Tenho muita saúde para trabalhar, estudar e poder realizar aquilo que desejo.

3- Você desenvolve alguma atividade em hospital, universidade ou na área social?

G - Atualmente não. Mas já fiz estágios em hospitais (Hospital da Lagoa e Santa Casa de Misericórdia) durante o curso de Psicologia, depois fiz Residência em Saúde Mental por três anos no Instituto Philippe Pinel e Mestrado na PUC-RJ, em Psicologia Clínica. Durante dois anos participei do Ambulatório da Igreja da Santíssima Trindade que presta atendimento ambulatorial para a comunidade, mantendo uma equipe de psicanalistas. Também participei por um ano de um serviço ambulatorial na Maternidade Pro-Matre. Atualmente, dedico-me somente ao consultório.

M - Atualmente não. Em agosto de 2007 finalizei minha graduação em Psicologia, na PUC-RJ, e esse ano achei que seria interessante uma dedicação exclusiva ao trabalho que realizo no meu consultório com criança e adolescente e a Formação em Psicanálise, que estou iniciando.

4. A SBPRJ tem um grupo de alunos que compõem a "Representação de Alunos", com representantes em todos os segmentos do Conselho Diretor. No futuro, você gostaria de fazer parte da Representação dos Alunos, ocupando algum cargo? Justifique [em caso de resposta afirmativa ou negativa].

G - Acho interessante esta idéia, mas acredito que somente poderia pensar numa participação assim, no futuro, quando tiver um maior conhecimento da Sociedade.

M - Gostaria! Sempre me interessei em participar de grupos que existem para contribuir e ajudar a sua comunidade,

nesse caso, a comunidade psicanalítica. Acredito que esse entusiasmo veio do escotismo, que foi um movimento muito importante na minha infância e adolescência e que me ajudou a conquistar um senso de coletividade e participação do grupo ao qual pertencemos.

5- Como você acha que será sua participação na formação e nas atividades da Sociedade?

G - Eu espero poder participar o máximo possível das atividades que a instituição oferece e, também, poder contribuir de alguma forma. Acredito que qualquer instituição para se manter viva e vibrante necessita de membros igualmente participativos e investidos.

M - Com certeza será uma participação interessada, alegre, com muita dedicação e compromisso.

6- Você gostaria de sugerir algum assunto de seu interesse para ser discutido em Reunião Científica?

G - A Interpretação e as Construções na clínica psicanalítica.

M - Ainda não.

7- Em nossa Sociedade temos colegas, e até um grupo constituído, que apreciam, se reúnem e trocam idéias sobre literatura. Há uma atividade mensal chamada *Café Literário* e uma coluna, neste Jornal, chamada *Divagar é preciso*, ambas valorizam a literatura. Quais os autores que você aprecia?

G - Ultimamente tenho lido e apreciado muito Milton Hatoum, Philip Roth, Denis Lehane e Ian Mc Ewan.

M - Érico Veríssimo, Clarisse Lispector, Monteiro Lobato e Rubem Alves.

8- Aceitaria escrever uma resenha sobre algum livro que leu e gostou muito?

G - Nossa! Quanta responsabilidade... Teria que pensar um pouco...

M - Sim. E com certeza seria a bela obra do Rubem Alves: "A menina e o pássaro encantado". Depois dessa inesquecível leitura aprendi que as relações humanas estão sempre permeadas de amor, liberdade e saudade do lugar onde podemos sempre retornar para contar nossas experiências, histórias e sonhos.

9- Quando você está livre, leve e solta o que gosta de fazer?

G - Ir ao Cinema, sou cinéfila de carteirinha.

M - Gosto de conversar com meus pais, minha família e amigos que moram em Goiânia, de ir ao teatro, de sair com meu namorado, com os nossos amigos e caminhar na lagoa. Morar no Rio é um convite para sair de casa nos tempos livres.

10- Uma música que lhe emociona...

G - Qualquer uma do Chico Buarque.

M - "As aparências enganam". Sempre que o meu pai coloca o disco da Elis Regina e essa música, em alto e bom som, eu sinto vontade de chorar. Essa musica é capaz de retratar o que a vida é para mim de uma forma muito precisa e ao mesmo tempo poética.

11- Um filme que viu e jamais esqueceu...

G - Ih, são tantos... Vou escolher *Fanny e Alexander*, do Bergman; *Cinema Paradiso*, do G. Tornatore, e o recente *A Vida dos Outros*, um filme alemão.

M - "Tomates Verdes Fritos". Sempre fico contente em assisti-lo, vibro de verdade e ficaria realizada se pudesse entrar na história e ser um dos personagens.

BIBLIOTECA

LIVROS

OUTEIRAL, José Ottoni. *Adolescer*. 3.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. 184p.

OUTEIRAL, José Ottoni; MOURA, Luiza; SANTOS, Stela (Org.). *Adultecer: a dor e o prazer de tornar-se adulto*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. 250p.

PERIÓDICOS

CADERNOS DE PSICANÁLISE (CPRJ), v.29, n.2, 2007. (Tema: Situações-limite na experiência psicanalítica).

CADERNOS DE PSICANÁLISE (SPCRJ), v.23, n.26, 2007. (Tema: Solidão).

IDE, v.30, n.45, 2007 (Tema: Linguagem II).

JORNAL DE PSICANÁLISE, v.40, n.72, 2007. (Tema: A família em (des)ordem).

JOURNAL OF THE AMERICAN PSYCHOANALYTIC ASSOCIATION, v.55, n.4, 2007.

PSICANÁLISE - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v.9, n.1, 2007.

PSICANALÍTICA - Revista da SPRJ, v.8, n.1, 2007.

PSYCHÊ, v.11, n.20, 2007.

REVISTA CHILENA DE PSICOANÁLISIS, v.24, n.1, 2007.

REVISTA DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, v.14, n.1 e 2, 2007.

REVISTA DE PSICOANÁLISIS, v.63, n.2, 2006. (Tema: 150 años del natalicio de Sigmund Freud).

REVISTA DE PSICOANÁLISIS, v.63, n.3, 2006. (Tema: Borges em APA).

* * *

Agradecimento

Agradecemos, comovidamente, à família da Dra. Maria de Lourdes Soares O'Donnell a doação de seus preciosos livros para a nossa biblioteca.

Departamento de Biblioteca

Presidente: **Altamirando Matos de Andrade Jr.**

Vice-Presidente: **Maria Helena Rego Junqueira**

1º Secretário: **Bernard Miodownik**

2º Secretário: **Mariza Dutra d'Abreu**

1º Tesoureiro: **Letícia Tavares Neves**

2º Tesoureiro: **Marília Machado De La Cal**

Diretor do Instituto: **Sônia Eva Tucherman**

Vice-Diretor do Instituto: **Ruth Lerner**

Froimitchuk

Secretária do Instituto: **Miriam Fichman**

Fainguelernt

Diretor do Conselho Científico: **Maria da**

Conceição Moraes Davidovich

Secretário do Conselho Científico: **Luis**

Fernando Guedes Gallego Soares

Diretor do Conselho Profissional: **Sérgio**

Eduardo Nick

Secretária do Conselho Profissional: **Maria**

Regina H. Newlands Trotto

Diretor da Clínica Social e Centro de Estudos

Psicanalíticos: **Admar Horn**

Secretária da Clínica Social e Centro de Estu-

dos Psicanalíticos: **Ruth Naidin**

Deptº. de Publicação, Biblioteca, Arquivo e

Divulgação:

Diretor: **Wania Maria C. F. Cidade**

Secretária: **Munira Aiex Proença**

Deptº de Difusão da Formação

Psicanalítica:

Diretor: **Giorgio Trotto**

Secretária: **Flavia Costa Strauch**

REVISTA TRIEB

Editores: **Fernando Rocha, Marci Doria Passos e**

Viviane Frankenthal

Assistente Editorial: **Munira Aiex proença**

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: **Wania Maria C. F. Cidade**

Co-Editora: **Christina Nicoll S. Cavallari**

Projeto Gráfico: **Celyne Alvim**

Secretária: **Celyne Alvim**

Mudanças Roster

Novo E-mail

Psic. Regina Wenkert

rwenkert@globo.com

Programação do Conselho Científico

Sessão Clínica

Dia 03/04, 21h15m. "Garota de programa: interrompida?"

Apres: **Mônica Aguiar**.

Comentador: **Paulo Quinet**

II Conferência Internacional de Clínica Psicanalítica

De 10 a 12de abril, Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Fórum Livre de Psicanálise

Dia 17 de abril, às 21h15m, na Sede. Apres.: **Dr. Carlos Doin**.

Psicanálise & Cinema

Dia 25/04, às 19h. "INFERNO" (L'Enfer), de **Danis Tanovi**.

A Expressão Artística e a Esquizofrenia

O Caso de Adelina Gomes por Meio da Imagens

Este é o título da tese de doutorado em Psiquiatria e Saúde Mental que nossa colega Maria Cristina Reis Amendoeira defendeu no Instituto de Psiquiatria (IPUB), na manhã de 28 de fevereiro de 2008. A banca foi presidida pela Dra. Maria Tavares Cavalcanti (Doutora em Psiquiatria - IPUB-UFRJ) e constituída por: Rosza Wigdorovicz Vel Zoladz (Pós-doutora em Estudos Culturais - PACC/FCC/UFRJ), Maria Ângela dos Santos Mascelani (Doutora em Antropologia Cultural - IFCS/UFRJ) também co-orientadora da pesquisa, Guilherme Gutman Corrêa de Araújo (Doutor em Saúde Coletiva - IMS/UERJ), Nelson Goldenstein (Doutor em Psiquiatria - IPUB/UFRJ) e Rogério Medeiros (Pós-Doutor pela Université de Paris VII, França - PPGA/EBA/UFRJ). Durante o metucioso exame da tese, que durou cerca de cinco horas, Cristina Amendoeira com grande fluência demonstrou familiaridade, firmeza e, ao mesmo tempo, a necessária humildade em relação a um tema que é um tradicional desafio para psiquiatras, psicanalistas e estetas: a complexa relação entre arte e loucura. A aprovação e estímulo para levar adiante a pesquisa, por parte de uma banca interdisciplinar de tão alta qualificação, já seria um motivo de orgulho e satisfação para Cristina e todos os seus amigos da SBPRJ. Contudo, este acontecimento, dado certas peculiaridades: tanto a orientação como a banca examinadora foram multidisciplinares e utilizaram como fundamentação a praxiterapia; tudo isso nos traz inúmeras evocações e tem importantes implicações.

Julgamos não ser este o momento de discutir toda a gama de questões que a tese provoca. Seria o caso para debate em uma sessão científica. Podemos mencionar algumas das que foram levantadas, a título de *trailer*: a existência, ou não, de uma arte psicótica; o significado dos temas de Adelina (suas *fases*: gatos, séries de cadeiras, mulher-flor e a singularidade do "baile", obra de 1979); como comparar os trabalhos do início e os do final da internação e, tal pesquisa explicaria a presença ou a ausência de deterioração?. A questão do *ambiente* foi outro ponto muito mencionado; assim como a relação assinalada, por vários críticos de arte, entre Adelina/primitivismo/modernismo/Di Cavalcanti. Da mesma forma surgiu a questão do *espaço* - estético, afetivo, social - em Adelina; seria possível correlacionar estados mentais e produções na obra de Adelina? Como não tivemos acesso à tese, participamos também deste clima de *trailer*, necessário estímulo para o filme, despertando-nos inúmeras outras questões as instigantes intervenções dos examinadores, assim como outros *flashes* que Cristina nos ofereceu. Vejamos alguns.

Adelina foi uma paciente de Nise da Silveira, internada no Centro Psiquiátrico Pedro II, por 47 anos, a partir de um episódio de agitação motora no qual estrangulou o gato da família, após uma profunda decepção amorosa. A partir daí, 1937, começa a sua saga que não diferiria muito de qualquer paciente com diagnóstico de esquizofrenia, naquela época e circunstâncias, não fosse o ateliê de pintura - do futuro Museu de Imagens do Inconsciente - que Adelina freqüentou diariamente, com uma extraordinária produção, até 1984, ano de sua morte. Ficamos sabendo de períodos de tratamento por cardiazol ou por eletrochoques; dos pobres registros psiquiátricos, assim como das emocionadas lembranças da equipe do ateliê de Nise. O afastamento da família, pela impossibilidade financeira de seus pais irem visitá-la (moravam em Campos), excetuando a irmã que sempre ia vê-la, mas que não podia levá-la para um fim de semana, pois era empregada

doméstica. Ficamos sabendo também da permanente luta dos praxiterapeutas para manter uma atividade que sempre foi considerada de segunda categoria pela tradição psiquiátrica.

Tudo isso nos evocou Adelina como uma testemunha silenciosa e eloqüente, de um passado-presente, de exclusão, preconceito, arrogância científica e sua gêmea inseparável: a estreiteza mental; mas evocou também o pioneirismo, ousado, aventureiro e desafiador, de um Luiz Cerqueira, um Osvaldo dos Santos (sua sobrinha fazia parte da banca!), um Roberto Quilelli. Outras lembranças vieram: a comunidade do Pinel (com Portella Nunes); a Villa Pinheiros (com Walderêdo Ismael de Oliveira, Paes Leme e Henrique Novaes) e a teimosa luta de tantos amigos, mestres e companheiros em fazer com que os gestos, os traços, o silêncio do louco fossem ouvidos, levados em consideração como uma legítima linguagem. No caso: a de uma mulher, negra, pobre e louca! Curiosamente, tais evocações não foram acompanhadas por rancor ou amargura - sentimentos que muitas vezes já nos visitaram em situações semelhantes e que são muito próprios de uma geração frustrada como a que pertencemos - mas com saudade e alegria. Afinal, como diria Cerqueira: "Adelina entrou para a Academia". Pensamos também que agora podemos aproveitar melhor este rico material, pois, graças às contribuições de pensadores como Melanie Klein, Winnicott, Bion, Lacan, Green e tantos outros, temos ferramentas conceituais capazes de explorar o *espaço* mental, as relações do ambiente (facilitador, inibidor ou enlouquecedor), os processos de transformação da experiência emocional e suas invariáveis, a linguagem (verbal e pré-verbal), o que nos permitirá um diálogo muito amplo com Adelina. Entusiasmou-nos esta possibilidade e revivemos nossa saudade e gratidão por Nise e outros mestres que preservaram este tesouro.

Ao defender, como psiquiatra, uma tese de doutorado - calcada numa experiência de praxiterapia - Cristina não só resgata algumas de nossas melhores e esquecidas tradições, mas como corretamente assinalou a banca: dá início a uma pesquisa que pede os rigores da academia, não para a estéril produção de compreensões e interpretações pedantes que escondam a nossa ignorância, mas para uma investigação através da imagem estética do enorme campo da loucura humana, que nos é tão próxima como estranha, da mesma forma que nossa sanidade: impossível qualquer exclusão num estudo sério da condição humana. Parece ser esta também a posição de Mario Pedrosa, não por acaso, citado por todos os examinadores e, antecedendo muitos psiquiatras, um dos primeiros a compreender a importância do trabalho de Nise da Silveira, muito além do modelo médico.

Estas foram as minhas impressões da bela manhã que a colega e a universidade nos ofereceram e que esperamos poder em breve partilhar com os nossos membros, alunos e convidados numa reunião científica que o Departamento de Pesquisa se oferece para ajudar em sua organização. Certamente, outros colegas que lá estavam - como Wilson Amendoeira, Marialzira Perestrello, Miriam Fainguelernt, Maria do Carmo Soares ou Vera Bulak - poderão enriquecer-nos com seus testemunhos e questionamentos.

Ney Marinho

Sobre a amiga Lúcia

Ao pensar sobre a morte de Lucia me vi invadido por lembranças fortes, que se espalham ao longo de 35 anos, renovando o que já sabia: ao anúncio da morte, a narrativa da vida...

Algumas dessas lembranças são do tempo do começo de nossas vidas profissionais. Eu chefiava uma equipe do pronto-socorro do Pinel, ela era uma de minhas acadêmicas: eu empenhado em formar um time que pudesse enfrentar as agruras da rotina de um pronto-socorro psiquiátrico, ela logo se credenciando como um braço direito pelos conhecimentos que trazia e pela seriedade no trabalho, temperados pela natural insegurança de aplicar em situações reais, muitas vezes dramáticas, com gente de carne e osso, o que tinha aprendido nas aulas e nos livros. A insegurança era de todos nós, pois a prática do atendimento era dura, e Lúcia ali, firme no procurar o melhor tratamento, ou qual encaminhamento dar a cada caso que atendia, mostrando a todos sua maior qualidade – que, apesar da sua auto-declarada timidez, não se intimidava por pouco, que, apesar de momentos em que se mostrava arredia, pertencia àquele grupo de gente que gosta de gente, tanto como uma colega sempre disponível no apoio e na ajuda a um companheiro de trabalho, quanto como a profissional que dava aquela atenção a mais nos atendimentos de cada um daqueles nossos pacientes.

A vida deu suas voltas, fiquei muito próximo de Ruth, sua irmã, ela passou um bom período estudando fora do país e, anos depois, retomamos um convívio bissexto, durante nossa formação na Brasileira do Rio; no dia da aula inaugural, da turma de 82, Lucia sentou ao meu lado e era tocante o significado que dava ao estar ali, iniciando sua formação, curiosa, querendo saber quem eram cada uma das pessoas que chegavam e que, possivelmente, eram conhecidas de nome, além do orgulho que sentia de estar ao lado de vários amigos e de sua irmã.

Com as mudanças que conseguimos encetar pela vida, sempre se manteve como eu a conheci, lá nos tempos do Pinel: séria, discreta, concentrada no que fazia, sopesando suas contribuições, sempre presente o senso de respeito profundo ao humano....

Na vida da Sociedade fez parte do meu Conselho Profissional, como Conselheira e, na gestão de Jane, foi secretária deste mesmo Conselho. Coordenou Grupo de Acompanhamento, trabalhou duro nas entrevistas da Clínica Social e na programação de atividades científicas e do Instituto.

Pelo que vi e pelo que soube, constituiu uma bela família, amorosa e unida, com Jorge, Mariana e Lidia; eles, ao lado de suas irmãs e alguns amigos, puderam apoiá-la na difícil trajetória de seus últimos sete anos, quando lutou bravamente contra o irremediável, sempre ativa e cheia de esperanças, levando até próximo ao desenlace o seu trabalho e a sua profunda fé no que fazia.

Isto é um pouco do que me fica de Lucia, uma daquelas pessoas das quais sinto um profundo orgulho de ter compartilhado vida, estudo e trabalho, e que certamente fará uma grande falta a todos nós, embora, como disse um amigo comum, permaneça viva dentro de todos os que, como eu, partilharam de um naco de sua paixão pela vida.

Wilson Amendoeira

BION - Transformações e Desdobramentos

A Jornada organizada pela SBPSP, realizada nos dias 14 e 15/03/ 2008 em São Paulo, com grande repercussão: contou com 350 participantes, dentre analistas e estudantes de diferentes graus de qualificação e experiência. O entusiasmo suscitado se deveu não só à excelência de alguns trabalhos que serviram de estímulo às discussões, como a conferência do Dr. Cecil José Rezze “‘Turbulências’ Do aprender com a experiência emocional ao pensamento selvagem”, que percorreu de forma sucinta e, ao mesmo tempo, extremamente clara, criativa e bem articulada, toda a obra de Bion, sem deixar-se aprisionar em conceitos estratificados, formulações cristalizadas mas, ao contrário, marcando os pontos de “turbulência”, zonas de impacto, perplexidade, insaturação; o sucesso se deveu, especialmente, ao formato do encontro que privilegiou as conversas em grupo – nove grupos trabalhando simultaneamente pela manhã e tarde – que se mantiveram fieis ao princípio de que as apresentações com diferentes temas, que introduziam as discussões em cada grupo, deveriam servir de ponto de partida para questões e desenvolvimentos e não de ponto de chegada a ser questionado ou acatado. Dentre os principais temas, abordados sempre sob os vértices clínico e teórico, destacaram-se como alvo de grande interesse: a transferência, segundo a teoria das transformações de Bion, os vínculos negativos e a dor mental. Foi um momento inspirador – transformador – que, certamente, trará desdobramentos. Do Rio registramos as presenças de: Fernanda e Ney Marinho, Lia Nazareth, Christina Cavallari, Magda Costa e Tania Feital. Os trabalhos estarão no site da SBPRJ.

Fernanda Marinho

Coisas da nossa história

Dr. Roberto Martins encontrou nos papéis de seu pai, Dr. Mario Martins, um belíssimo e histórico cartão postal datado de dezembro de 1959, onde a SBPRJ comunica a eleição de sua primeira Diretoria.

O cartão, doado pelo Roberto à SBPRJ, foi arquivado para constar na memória de nossa Sociedade. Pela beleza e pelo fato histórico, acreditamos ser um presente memorável.

Ao Roberto, nossos agradecimentos mais afetuosos.

Altamirando Andrade

Psicoterapia de Grupo

Gostariamos de comunicar a criação do Departamento de Psicoterapia Analítica de Grupo na nossa Sociedade, que pretende, através de seus membros passar a atender pacientes em grupo. A partir de abril serão abertas as inscrições para os pacientes interessados em atendimento em grupo.

Tem na Biblioteca

Este mês, excepcionalmente, não teremos esta coluna.

Divagar é Preciso

Meu primeiro contato com Guillermo Arriaga, foi através da TV Cultura de S.Paulo, no programa Roda Viva.

Fiquei muito interessado desejando ler o livro de Arriaga, em função das características de sua personalidade, que foram apresentadas com muita franqueza no tal programa. No momento foram referidos alguns dos seus livros, entre eles este que me refiro a seguir: UM DOCE AROMA DA MORTE, Autor Guillermo Arriaga Editora Gryphus

Toda a história se passa numa localidade perto de Lama Grande, e tem início com o encontro do corpo de uma moça num campo ermo da região. O encontro foi feito por rapaz, personagem importante no mistério; ele trabalhava num pequeno armazém ou coisa parecida da localidade. As versões sobre o que havia ocorrido eram muitas, e nunca esclareciam o que realmente aconteceu. Mas sempre de alguma forma era ligado ao rapaz que encontrou o corpo de Adelia. Como uma das principais figuras no drama surge um homem chamado Cigano, que fazendo jus ao nome, aparece e desaparece do local, com muita frequência sempre com informações que o ligam à morte da moça. Vale ressaltar neste ponto que na entrevista referida de início, o autor do livro é incapaz de sentir qualquer cheiro, em função de lesões no nariz que sofreu em brigas quando adolescente apesar de se referir com muita ênfase ao cheiro insuportável que exalava do corpo de morta, no momento do velório.

Enfim, o livro é ótimo e o autor evidentemente uma “figurinha difícil”. Arriaga tem alguns outros livros publicados, sendo que, pelo menos dois, foram histórias contadas nos filmes 21 Gramas e Amores Perros.

José Cândido Bastos